

PENSANDO O LAZER A PARTIR DA PERSPECTIVA ÉTNICA.

Edmilson Santos dos Santos¹
José Geraldo Damico²
Antônio Luis Carvalho de Freitas³

Resumo: Importantes estudos têm aportado à literatura nacional um conjunto de dados e reflexões que expõem de forma bastante gritante a desigualdade racial no Brasil. Este estudo surge com esta perspectiva: conhecer o impacto desta desigualdade no cotidiano do lazer de jovens do bairro Guajuviras. A amostra do estudo foi composta por 2112 estudantes matriculados no sistema público de ensino do bairro que participaram do Mapa do Lazer Juvenil. As informações obtidas permitiram criar um banco de dados que foi submetido à análise de frequência através do programa estatístico SPSS, versão 11. Para verificar possíveis associações entre variáveis utilizou-se o teste estatístico Qui-quadrado para análise de tabela de contingência e estabeleceu-se como nível de significância 5% ($p < 0,05$). Como pudemos perceber, o lazer de jovens pobres se dá no âmbito do espaço público e nestes locais a desigualdade racial não foi captada pelo instrumento de pesquisa utilizado. No campo cultural, a diferença encontrada, quanto ao gosto musical, permite identificá-la como algo positivo. Para jovens que têm a sua auto-estima estilhaçada pelo preconceito, fazer da música um instrumento de fortalecimento de sua identidade é positivo e necessário.

Palavras-chave: juventude, identidade, etnia, desigualdade racial.

INTRODUÇÃO

Você não pega uma pessoa que por anos esteve preso por correntes e a liberta, trazendo-a ao ponto de partida de uma corrida e, então, diz você está livre para competir com todos os outros, e continua acreditando que foi completamente justo. Lyndon Johnson⁴.

¹ UNISINOS

² ULBRA

³ ULBRA

⁴ Argumento utilizado pelo Presidente dos EUA, em 1965, justificando a necessidade de implementação de ações afirmativas, diante da impossibilidade de se garantir um preceito básico da meritocracia: a igualdade de condições. Este argumento foi extraído o texto de Bernardino (2002).

É encantador como algumas letras de músicas nos fazem estabelecer pontes criativas e criadoras com o que há de mais sofisticado no pensamento acadêmico. Na música *Haiti*, cantada por Caetano Veloso, há a seguinte passagem: “*Todos os brancos pobres são negros também*”. Nesse pensamento existe, uma verdade que está associada à desigualdade econômica existente no país. Todos os indicadores sociais são claros em evidenciar este verdadeiro abismo que há entre os mais ricos, brancos, e os mais pobres, brancos e negros, este último sendo a maioria.

A distribuição de renda evidenciada na participação de cada um destes grupos no PIB nacional não deixa dúvida. Porém, ela pode induzir a um raciocínio que desqualifica um outro debate que se manifesta em outras facetas da desigualdade social brasileira, como, por exemplo, a desigualdade racial. Somente a partir do momento em que o debate sobre políticas afirmativas foi colocado no centro da agenda política brasileira é que este tema passou a receber um cuidado maior por parte da sociedade.

Diferentemente do que o senso comum e muitos acadêmicos anunciam, a sociedade nunca foi contra as políticas afirmativas, compensatórias, de reparação ou cotas, desde que elas, de alguma forma, privilegiem a população branca. Institucionalmente podemos citar a Lei do Boi, cotas para as mulheres na política, aposentadoria diferenciada para mulheres e professores, cotas para portadores de necessidades especiais em concurso público, políticas focadas de emprego para jovens e cidadãos acima de 40 anos, empresas em que a maioria dos postos de trabalho, quando não a totalidade, é composta apenas por brancos, principalmente aqueles que exigem o contato com o público⁵, e reprodução de uma imagem monocromática na televisão, encerrando, desta forma, a teoria da miscigenação numa estética racial pateticamente europeia⁶. Essas políticas estão a todo o momento fortalecendo um determinado grupo cuja distinção, a de ser negro, não exige - e nunca necessitou - nenhuma prova científica. Como as estatísticas não negam que no Brasil há desigualdade racial e ela certamente não funciona nos moldes norte-americanos, sua natureza ou alteridade se dá num cenário simbólico bastante particular.

⁵ Conforme ressalta Rosenfeld (2000) “Um grande número de profissões, principalmente aquelas nas quais o contato com o público branco é inevitável, dificilmente estão ao alcance das pessoas de cor, especialmente dos negros retintos.” (p.34).

⁶ Conforme Araújo (2002), mesmo nas novelas produzidas na Bahia (como é o caso de Porto dos Milagres), onde a população negra é de 80%, o elenco negro compõe 10% do total de artistas. Há uma preocupação dos diretores brancos em transformar o produto novela mais bonito e sensual para atender aos interesses do público branco.

A especificidade deste cenário pode ser expressa através daqueles argumentos que, para se oporem às políticas de cotas, utilizam a tese de que estas ações acabariam gerando aumento da tensão racial, que seriam uma espécie de racismo invertido⁷. De certa forma, o argumento do aumento da tensão racial é um artifício para encobrir uma tensão racial existente. Para estes grupos, a violência só se efetiva quando marca no corpo a visibilidade de seu preconceito. Eles esquecem da violência simbólica que persegue os negros quando não podem ser selecionados para um emprego por conta da cor de sua pele; quando o Estado não tem instrumento para garantir a saúde daquelas pessoas que possuem a anemia falciforme; quando a não adoção de crianças negra as empurra para a FEBEM⁸; quando a polícia confunde com um delinqüente⁹ um negro que corre; quando o estado, através do aparato policial, elimina, sem julgamento, jovens negros pobres moradores da periferia dos grandes centros urbanos ou quando cerceiam a exploração de nossa etnicidade nos meios midiáticos¹⁰. Como estes intelectuais não estão do lado *de cá do balcão*, acenam para o aumento da tensão racial como se, para os negros, ela só passasse a existir no exato momento em que este discurso está autorizado a circular. Impedir que a sociedade perceba o preconceito e a discriminação racial tem sido um dos instrumentos mais eficazes para que a tensão racial só atinja um grupo étnico no Brasil. A banalização da violência¹¹ contra os negros alinha a sociedade brasileira pré e pós-abolição num contínuo.

O mito da democracia racial e o ideal de embranquecimento deram origem a uma realidade social em que a discussão sobre a situação da população negra foi identificada como indesejável e, até mesmo, perigosa. A recusa de reconhecer a realidade da categoria raça, tanto num sentido analítico, quanto de intervenção pública, fez do regime de relações raciais brasileiro um dos mais nefastos e estéreis do mundo ocidental (BERNARDINO, 2002, p.256).

⁷ Para Costa (2001) a recomposição do debate racial “Não se trata, contudo, de um racismo invertido, como se grupos negros quisessem afirmar alguma distinção biológica essencial ou sua superioridade relativamente aos não negros. (...) Em muitos casos, pleiteia-se que aqueles grupos de pessoas que apresentam esse conjunto de características que historicamente conduziram à discriminação sejam agora recompensados pela introdução de mecanismos de correção das injustiças históricas e de obliteração do preconceito racial tão enraizado nas relações sociais.” (p.151)

⁸ Atualmente a instituição que abriga os menores se denomina de FASE – Fundação de Apoio Sócio-Educativo.

⁹ No vestibular da UFRGS de janeiro de 2005 dois estudantes negros que estavam correndo para não chegarem atrasados para a prova foram confundidos com criminosos e impedidos de realizarem a prova.

¹⁰ Para Leitão (2002) a mídia brasileira optou por utilizar a pior forma de racismo, o da invisibilidade. Isto colaborou para que o problema não fosse percebido. Pereira (2003) entende que a intelectualidade brasileira se omitiu deste debate para garantir uma identidade racial idealizada branca.

¹¹ “A naturalização da desigualdade, por sua vez, engendra no seio da sociedade civil resistência teóricas, ideológicas e políticas para identificar o combate à desigualdade como prioridade das políticas públicas.” (HENRIQUES, 2001, p.1).

Por outro lado, concordamos com Telles (2003) ao registrar que não é correto afirmar que a sociedade brasileira é racista. Este argumento não ajuda em nada a compreender a complexidade deste fenômeno naquilo que ele tem de mais particular e silencioso. O racismo no Brasil é cortesão. Seu código de honra impede que se expresse esta opinião de forma clara, objetiva e em espaços públicos. Porém, a precisão cirúrgica de suas ações coloca um determinado grupo em desvantagem na educação, no mercado de trabalho e na afirmação de sua auto-estima.

No debate sobre a educação física, o tema racial, no que diz respeito à negritude, ainda não foi capaz de seduzir pesquisadores. Em se tratando de lazer, parece que esta aproximação ser ainda mais marginal. Diferentemente do que se pode imaginar, o lazer público e o lazer privado poderiam nos ajudar a compreender mais uma nuance desse debate. O primeiro, como espaço privilegiado para o lazer dos pobres – em sua maioria negros – e o segundo como espaço de diferenciação de classe e status social. Neste sentido, poder compreender o impacto da raça na estruturação do lazer de jovens poderá auxiliar o Estado a melhor elaborar suas políticas públicas.

Entendemos que o tema da identidade étnica e suas relações com o lazer devem servir de parâmetro para melhor compreender a desigualdade racial. Esse trabalho tem por objetivo identificar se há diferença nas opções de lazer, a partir da identidade racial, entre os jovens moradores do bairro Guajuviras, Canoas/RS.

DEMOCRACIA RACIAL À BRASILEIRA

A intensificação dos debates pré e pós Conferência de Durban¹² aponta importantes ferramentas estatísticas e discursivas sobre a gravidade da discriminação racial brasileira¹³. Essa discriminação não pode ser equacionada a partir das categorias liberais que unem racismo com diferença socioeconômica (a diferença escolar, que existe, potencializa a diferença na remuneração profissional). Há um universo simbólico que está a diminuir a cidadania dos negros a partir de elementos subjetivos, por conta da degradação moral produzida durante os 300 anos de escravidão em nosso país.

Se é verdade que a discriminação atinge os pobres como um todo, não é menos verdade que nem todos os pobres sofrem ou são atingidos da mesma maneira. Já

¹² Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Outras formas de Intolerância ocorrida em Durban na África do Sul em 2001.

¹³ Podemos destacar os trabalhos de Telles (2003), Soares (2000), Henriques (2001), Paixão (2003).

antecipando um resultado do estudo realizado, verificamos que há uma associação entre ser estudante jovem negro e ter mais de três anos de atraso escolar e ser estudante jovem branco e possuir até dois anos de atraso escolar na comunidade estudada.

Nos estudos com populações jovens, esta temática é devedora do debate sobre etnicidade. Apesar do aspecto fenotípico ser um elemento integrante dessa arquitetura, somos reconhecidos como *out-sider* por possuímos uma cor de pele diferente, o que garante a crença de uma origem comum. Essa estratégia esbarra na própria dificuldade de se estabelecer uma definição precisa e operacional da identidade étnica. Isto porque a identidade étnica não aparece como algo integrado, único e com o sujeito tendo um perfeito sentido de si, ação esta construída de forma racional. Nesse caso, o discurso sobre o sujeito funda um discurso de coerência, de unidade incompatível com uma idéia de sujeito fragmentado e envolto a complexas relações de poder.

Stuart Hall (1999) sinaliza uma crise no processo de constituição da identidade na modernidade. Para o autor, diferentemente do que propõe a filosofia liberal clássica, os homens fazem história a partir de condições sociais estabelecidas; diferentemente da razão, os sujeitos produzem uma imagem de si que é resultado de uma fantasia da plenitude, que se dá em nível da psique; o discurso que fazemos de nós posiciona-se dentro de um contexto lingüístico que lhe é anterior; as relações de poder (no sentido foucaultiano) estabelecem um processo de individualização; e, por último, a crítica social elaborada pelo feminismo desloca o sujeito de sua posição masculina.

O resultado de todo esse processo é que estamos construindo uma idéia de sujeito mais aberta, instável, inacabada e fragmentada. Com isso temos a suspensão momentânea de um projeto que unifica o sujeito e sua identidade. Porém, se a diferença existe é sinal que há atributos, rastros simbólicos que permitem a identificação étnica, mesmo que de forma precária, histórica e contextual¹⁴. A identidade étnica é um atributo que surge a partir da relação entre o indivíduo e a sociedade. Esse embate tem uma história e funda sua identidade no próprio devir. A etnia existe não como uma raiz ontogênica, mas sim porque é resultado de uma idéia socialmente aceita e que se ajusta aos sujeitos a partir de critérios simbólicos (TELLES, 2003).

A etnia, eixo principal por onde esta identidade deverá ancorar, é refém da própria dificuldade teórica do tema. No livro de Phillippe Poutignat e Jocelyne Streiff-

¹⁴ A ideologia do embranquecimento buscava a eliminação do negro criando sua versão caricata que é o mestiço. Por outro lado, transformou a marca (cor de pele, lábios, cabelos) em estigma para poder neutralizar a integração racial pretendida.

Fenart “Teorias da Etnicidade” é apresentado, de maneira bastante cuidadosa, este estado da arte¹⁵.

Há diferentes elementos, com hierarquias estabelecidas a partir de contextos bastante singulares, que produzem uma narrativa não fixa e híbrida do sujeito. Eis aí uma grande dificuldade: como estabelecer uma identidade de jovem pobre negro se o processo de identificação está permanentemente se deslocando e se misturando com outros projetos?

Para a abordagem neoculturalista

As categorias étnicas são símbolos cujo conteúdo varia em função das situações, mas que forma um conjunto, um sistema de significações interligadas. Nesta abordagem não existem grupos étnicos definidos a priori, mas um conjunto variável de categorias étnicas que só possuem significações porque são definidas e utilizadas por pessoas que possuem uma compreensão e expectativas comuns em relação às diferenças fundamentais que separam as pessoas em sua sociedade (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p. 110)

Diante dessa dificuldade, a primeira pista que devemos seguir para iniciar um processo de estabelecimento de fronteiras é aquela que vem do próprio sujeito quando em um dos processos de elaboração da idéia de si declara que há uma distinção, uma diferença na cor de sua pele. A possibilidade de existência de outras diferenças deve ser produto de um processo de investigação que busque compreender o universo cultural que abriga a identidade étnica, e não de uma presunção a priori.

Portanto, o estudo parte de um diferencial fenotípico, a cor da pele, que só passa a ter validade no momento em que o sujeito anuncia sua identificação. A grande questão é verificar se o estilo de vida, se a cultura vivenciada por esse jovem pobre, morador da periferia da cidade de Canoas/RS - bairro Guajuviras -, é capaz de estabelecer fronteiras étnicas.

NEM TODOS OS BRANCOS POBRES SÃO NEGROS TAMBÉM

Ser do bairro Guajuviras não significa apenas um dado para localização geográfica dos moradores. Reconhecido como um espaço de exclusão, repousa no imaginário social um rosário de preconceitos, que vão da pobreza à violência,

¹⁵ O diálogo com esta literatura, ao longo do texto, será feito de forma pragmática à medida que o debate sugerir aproximações com a realidade investigada.

dificultando uma outra representação capaz de abarcar a complexidade, a diversidade e a riqueza desta comunidade.

O bairro Guajuviras se confunde com a história de ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti¹⁶, que originou o maior assentamento urbano da cidade de Canoas localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre. Esse conjunto habitacional fez parte de um grande projeto de assentamento de populações pobres na periferia dos grandes centros urbanos nos anos 70 e 80.

Infelizmente, o processo desordenado de ocupação do solo urbano no Guajuviras criou um cenário limitado para a existência de áreas livres para o lazer. Por outro lado, a secundarização do lazer dentro das políticas sociais promoveu o abandono das áreas até então reservadas para a recreação da comunidade.

Como na periferia das grandes cidades, os equipamentos de lazer são precários¹⁷ torna-se importante investigar o comportamento de lazer construído pelo público jovem a partir desta realidade. Franch (2002) e Magnani (1992, 1998) sinalizam que as comunidades de baixa renda possuem uma cultura recreativa complexa, apesar das dificuldades e restrições enfrentadas no plano econômico. É nessa complexidade que se apresentam as novas formas de expressão da juventude.

Porém, como é nos grupos afro-descendentes que se concentram os maiores indicadores sociais negativos, compreender o impacto desse contexto nas opções de lazer de jovens negros do bairro Guajuviras pode colaborar para um melhor entendimento do tema.

METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O estudo se caracteriza por ser do tipo exploratório, fez parte da pesquisa Mapa do Lazer Juvenil do Bairro Guajuviras, em Canoas/RS¹⁸. Neste trabalho, estamos realizando um recorte da pesquisa, buscando identificar se há diferenças, no âmbito das experiências de lazer, entre jovens brancos e negros. A composição racial dos jovens foi a partir da autoclassificação da categoria cor. A composição dos jovens negros foi a partir da autoclassificação das cores parda e preta, dos brancos da cor branca. A amostra foi composta por 2112 estudantes matriculados no sistema público de ensino das redes

¹⁶ Assim como o senso comum, utilizaremos o nome Guajuviras para designar o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti.

¹⁷ Castro e Abramovay (2002); Magnani (1992 e 1998)

¹⁸ Esta pesquisa seguiu a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

municipal e estadual de ensino do bairro, da quinta série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Participaram todos os estudantes que compareceram no dia da investigação. Sua distribuição por sexo e raça pode ser acompanhada através da Tabela 1. Participaram do inquérito todos que compareceram à aula no dia em que o questionário foi aplicado, nos turnos da manhã, tarde e noite.

Tabela 1: Distribuição demográfica por sexo e raça.

	Branco	%	Amarelo	%	Negro	%	missing	Total
Masculino	527	53.7	20	2.0	425	43.3	10	982
Feminino	657	58.1	14	1.2	448	39.6	11	1119
Canoas *	268489	87.71	1086	0.35	35509	11.60	-	306093

* Distribuição da população de Canoas a partir do critério raça, conforme o Censo IBGE de 2000.

Antes da aplicação do questionário, as escolas conheceram a finalidade do estudo, e cada direção ficou com a síntese do projeto para apresentar aos professores. Em cada turno, o inquérito foi aplicado simultaneamente pelos professores. Como uma das intenções do estudo foi verificar como os jovens organizam suas atividades de lazer no final de semana, escolhemos aplicar o estudo na segunda-feira para projetar com uma maior precisão a rotina realizada no final de semana anterior ao estudo.

O questionário semi-estuturado foi elaborado contemplando-se os seguintes eixos temáticos: caracterização do jovem (idade, sexo, raça, religião); escolaridade (ano em curso e turno); inserção no mercado de trabalho; inclusão digital e acesso à Internet; acesso a equipamentos de diversão eletroeletrônica (videogame, computador e TV); gosto musical, material esportivo; atividades de lazer acompanhado de professor ou treinador durante a semana; interesse(s) na formação dos grupos de convivência e de quantos participa; local preferido para realização das atividades de lazer durante a semana; atividade mais importante realizada no final de semana nos seguintes turnos: sábado tarde, noite e domingo manhã, tarde e noite.

As informações obtidas permitiram criar um banco de dados que foi submetido à análise de frequência através do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para o Windows, versão 11. Para verificar possíveis associações entre variáveis utilizou-se o teste estatístico Qui-quadrado para análise de tabela de

contingência e estabeleceu-se como nível de significância 5% ($p < 0,05$). Para conhecimento das células que indicam uma relação de dependência entre as variáveis (atributos), foram analisados os resíduos ajustados na forma estandarizada.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O primeiro destaque que podemos realizar é sobre a forma desigual como os equipamentos de lazer são distribuídos na cidade. É nas comunidades pobres, localizadas na periferia dos grandes centros urbanos, que encontramos as maiores dificuldades de acesso a equipamentos de lazer. Esses espaços, além de serem reduzidos e abrigarem um número muito limitado de opções, acabam por referendar uma desigualdade estrutural no que tange a sua distribuição.

Como podemos observar na Tabela 1, os negros estão representados no Guajuviras em mais de 250%, média superior à da cidade. Aqui reside a primeira desigualdade. A desigualdade socioeconômica empurra esse segmento para locais onde suas oportunidades de lazer são reduzidas numa proporção superior à do grupo não-negro. O resultado confirma uma realidade que é observada em todo o Brasil. Conforme aponta o estudo de Ricardo Henriques (2001), os negros representam 70% dos 10% mais pobres. É nesses espaços de maior exclusão que a violência tende a assumir formas assustadoras¹⁹ e a atingir os negros de forma privilegiada. Portanto, eles já nascem vítimas de uma discriminação institucional²⁰. Nesse sentido, a realidade do negro pós-abolição fez com que ele entrasse naquilo que Rosenfeld (2000) e Kliksberg (2002) denominaram de círculo vicioso.

Apesar de não haver uma diferença substantiva no acesso ao lazer em relação aos jovens não negros do bairro, sua condição racial impõe uma diferença que não pode ser apagada sob pena de impedir a compreensão das nuances e do alcance do preconceito de cor no Brasil. São os negros que concentram os maiores indicadores sociais negativos, justamente por serem maioria nos bairros periféricos (CASTRO, 2004; TELES, 2003).

¹⁹ Conforme o Mapa da Violência IV: Os jovens do Brasil, realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura da UNESCO, Secretaria dos Direitos Humanos e Instituto Ayrton Senna em 2004, as vítimas de homicídio na população negra é 74% superior a população branca. (Santos e Santos, 2005)

²⁰ Conceito de discriminação institucional de Venturi e Bokany (2005): “quando a desigualdade racial se manifesta na diferença de acesso e tratamento nas instituições, no âmbito dos direitos e do espaço público.”p.18.

A prática do esporte aparece como uma das principais atividades de lazer realizadas pelos jovens do Guajuviras. Sua distribuição não apresenta desigualdade de acesso entre jovens negros e brancos do sexo masculino. A diferença se dá na distribuição desequilibrada entre gêneros. Em relação ao acesso ao material esportivo – bola de futebol, bola de voleibol, bicicleta, *roller*, *skate* -, ferramentas importantes na prática do esporte, não foi encontrada diferença entre os dois grupos, senão quanto ao gênero.

Não encontramos diferenças entre as principais atividades de lazer realizadas no final de semana, nos cinco turnos investigados, e a raça.

Tabela 2: Principais atividades de lazer no final de semana de jovens do sexo masculino em níveis percentuais.

Atividade	Jovens Brancos					Jovens Negros				
	ST	SN	DM	DT	DN	ST	SN	DM	DT	DN
Esporte	44,2	5,6	15,3	39,1	4,4	46,6	6,0	21,8	40,6	1,5
Ficar rua	28,3	28,2	19,6	33,3	28,4	26,8	27,5	19,5	30,9	26,4
Assis. TV	12,7	41,2	50,6	13,6	50,2	12,6	40,9	48,4	15,8	53,0
Shopping	5,4	2,6	0,0	3,9	1,5	5,2	2,1	0,0	0,0	0,8
Culto	3,2	4,7	1,9	1,9	7,0	3,4	4,7	4,7	4,0	7,4
Ficar casa		10,6			3,3		15,4			4,3

ST – sábado à tarde

SN – sábado à noite

DM – domingo de manhã

DT – domingo à tarde

DN – domingo à noite

Tabela 3: Principais atividades de lazer no final de semana de jovens do sexo feminino em níveis percentuais.

Atividade	Jovens Brancos					Jovens Negros				
	ST	SN	DM	DT	DN	ST	SN	DM	DT	DN
Esporte	19,0	2,0	6,5	20,3	2,7	18,8	2,7	8,8	19,5	1,5
Ficar rua	32,5	22,3	11,9	37,7	25,4	37,1	26,6	14,0	38,0	26,4
Assis. TV	23,4	39,5	59,7	24,0	49,6	22,2	97,0	57,1	24,0	53,0
Shopping	8,6	3,2	0,0	5,2	1,4	6,3	1,2	0,0	4,3	0,8
Culto	7,6	8,5	12,6	2,3	10,0	6,3	8,7	11,3	3,3	7,4
Ficar casa		15,4			3,4		15,9			4,3

Quando cruzamos as atividades de finais de semana a partir das categorias lazer dentro de casa e lazer fora de casa, lazer público e lazer privado, lazer esportivo e lazer não esportivo, lazer no bairro e lazer fora do bairro, não encontramos associação entre estas variáveis e raça. Uma parcela significativa de jovens realiza atividades de lazer no final de semana em espaços públicos, como praças e ruas da comunidade, ou no espaço privado da casa. No caso do primeiro, como bem salienta Telles (2003), o racismo brasileiro é cortesão, sua manifestação pública é condenada. Portanto, o espaço público do bairro não se constitui como uma ferramenta capaz de produzir e reproduzir desigualdade social balizada por questões étnicas. Esse comportamento público não violento foi o que sustentou durante muito tempo a tese freyriana da democracia racial²¹. Não podemos deixar de salientar também que a rua, um dos espaços públicos privilegiados para usufruto do lazer, é também o palco onde os jovens negros aprendem desde cedo o significado da cor de sua pele. Portanto, a cordialidade não resultou numa melhoria do quadro racial brasileiro.

Um texto importante produzido por três intelectuais, que fazem da violência urbana o substrato para suas produções, nos ajuda a compreender melhor este cenário. De um lado encontramos o antropólogo Luiz Eduardo Soares, especialista na área de segurança pública; de outro, dois artistas negros do *hip-hop* brasileiro MV Bill e Celso

²¹ Freyre, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1998. Um debate importante sobre raça e esfera pública pode ser encontrado no texto “Cinderela negra?: raça e esfera pública no Brasil” de Michael Hanchard (1996)

Athayde que combinam sensibilidade e engajamento político-social em seus trabalhos. Essa combinação resultou na construção do livro “Cabeça de Porco”.

O tratamento dado à palavra *invisibilidade* traduz bem a morte subjetiva do jovem negro na sociedade brasileira. Os exemplos de como esse fenômeno se processa materializam a nossa alteridade em termos de preconceito racial.

O preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações internas de quem projeta o preconceito. Por isso, seria possível dizer que o preconceito fala mais de quem o enuncia ou projeta do que de quem o sofre, ainda que, por vezes, sofrê-lo deixa marcas. (...) O que o policial vê quando adota a lente do estigma é o retrato da intolerância na qual a sociedade que lhe paga o soldo o treinou (ATHAYDE, 2005, p.176).

As experiências provocadas por esta invisibilidade fazem com que os jovens negros tenham uma relação com o espaço público da rua distinta da que têm os jovens não negros. Não há como apagar essa realidade da mente desses jovens, que se sentem estrangeiros dentro de seu próprio país. Sua circulação nos bairros não periféricos, onde são minorias, é vigiada, e muitas vezes a ação policial os submete a humilhações.

Uma das possibilidades de lazer constituídas no campo privado e que assume uma posição de destaque cada vez maior é o lazer interativo virtual (videogame e internet). Na comunidade, já encontramos salas que dispõem de videogame para alugar de forma a promover esta modalidade de lazer. Quando analisamos esse dado a partir da atividade mais importante realizada no final de semana, a participação percentual do jogar videogame nunca foi superior a 0,2%, em cada um dos cinco turnos investigado. Esse valor é inferior ao número de jovens que disseram possuir videogame. Portanto, apesar de existirem jovens que têm acesso a esta modalidade de lazer, ela não representa, mesmo dentre os que possuem, uma opção importante entre os sujeitos pesquisados.

A outra modalidade de lazer virtual, o acesso à Internet, ainda é refém da própria condição de vida dos moradores do bairro. Dos jovens que participaram do estudo, apenas 352 estudantes disseram possuir computador em casa, representando 16,67% da amostra. (valor próximo à média nacional coletada na *Pesquisa “Perfil da juventude brasileira”*, 17%) Destes, 125 possuem acesso à internet, representando 5,92% da amostra.

Um dado importante que demonstra a pouca relevância que essa modalidade de lazer tem sobre este público é que apenas 0,2% dos jovens utilizaram a Internet para

lazer no final de semana, em três turnos em que este fenômeno ocorreu. De alguma forma, o baixo índice de acesso à Internet como a atividade mais importante pode estar associado à própria novidade cultural que o lazer virtual representa em comunidades carentes que constituíram outras culturas de lazer ao longo do tempo. Dos nove acessos que houve, seis ocorreram durante o turno da noite. Os jovens negros são responsáveis por apenas dois acessos, sendo ambos realizados por jovens do sexo feminino. O estudo não apontou associação entre acesso à Internet no final de semana e raça.

Apesar de não existir uma correlação direta entre nível escolar e acesso a postos qualificados no mercado de trabalho, principalmente para os negros²², é importante destacar que a qualificação educacional guarda uma relação com a renda do trabalhador. Renda maior oportuniza acesso a opções de lazer público²³ ou privado que podem enriquecer culturalmente os cidadãos.

Observando a variável atraso escolar, encontramos diferença significativa ($p = 0,002$), em linguagem estatística, na associação entre ser branco e ter até dois anos de atraso e ser negro e ter mais de três anos de atraso. Neste sentido, a consequência acaba sendo travestida de causa e recai sobre o jovem negro o peso da desigualdade racial patrocinada, num primeiro momento, pelo estado, promotor de um sistema universalista de ensino (que produz desigualdade), e depois aceito pela sociedade quando desconsidera os elementos constituintes da desigualdade.

Se observarmos os últimos 85 anos, conforme Henriques (2001), “o padrão de discriminação racial, expresso pelo diferencial nos anos de escolaridade entre brancos e negros, mantém-se absolutamente estável entre as gerações.” (p.27). Conforme Telles (2002) “Apesar da escolaridade ter aumentado em todas as categorias, a diferença entre brancos e negros aumentou de 1,6 para 2,4 anos” (p. 200). Ser negro é carregar uma série de atributos negativos que alimenta uma profecia que se autorealiza, principalmente na periferia das grandes cidades.

O sistema público de ensino foi capaz de garantir uma integração formal dos diferentes jovens, garantindo a todos um sentimento de pertença no que diz respeito ao projeto de nação. Não há dúvida de que somos todos brasileiros, porém esta formalidade não garantiu a eficácia do projeto liberal. A negação da contribuição deste grupo étnico

²² Para uma análise mais elaborada do tema sugerimos a leitura do Texto para discussão nº 769 – “O perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho – homens negros, mulheres brancas e mulheres negras” de Sergei Suarez Dillon Soares publicado pela IPEA em novembro de 2000.

²³ Para as comunidades pobres, o lazer público não está isento da utilização de recursos financeiros. Uma família de quatro integrantes que deseja ir até um parque em Porto Alegre gasta em transporte o equivalente a 10% do salário mínimo.

como um ingrediente indispensável à construção da nação acabou por minar a auto-estima e a auto-imagem desses estudantes. O holocausto africano e a diáspora africana nunca foram tratados adequadamente nas escolas, nem do ponto de vista histórico, nem do ponto de vista moral. A sociedade produziu e a escola reproduziu aquilo de Joyce Elaine King (1996) chamou de estereótipos raciais absurdos, imprecisões, distorções e omissões da história dos negros nos livros didáticos e na história do Brasil como um todo. Conforme a autora “a humilhação que os estudantes negros experimentam e o reforço dos estereótipos culturais nas mentes de todos os estudantes continuará a existir, na medida em que o conhecimento cultural que eles precisam para compreender esses eventos dentro desse contexto é excluído dos livros didáticos.” (p.93).

Como pudemos observar, a escola não foi capaz de construir uma agenda que não comprometesse a formação de estudantes negros. Com isso, ela foi responsável por reforçar uma profecia que se autocumpriu. O acesso universal à educação acabou se transformando em uma “armadilha jurídico-ideológica que mina as possibilidades de resistência contra o racismo” (COSTA, 2001, p.155).

Se a educação não foi capaz de garantir igualdade entre estudantes negros e não-negros além dos patamares formais, o mercado de trabalho tratou de punir severamente o resultado final deste processo. Neste sentido, a possibilidade de lazer pago acaba sendo conseqüência de um processo de exclusão que atinge os negros de uma maneira muito especial, pois seu grau de instrução é produto desta desvantagem. Superado esta questão, tendo em vista as políticas de universalização do ensino, a sociedade encontrou outras formas, mais sofisticadas, para barrar a contratação de cidadãos negros, rompendo o princípio liberal de igualdade que foi fundamental para que nós criássemos o mito da democracia racial²⁴.

Em um país com forte preconceito racial, mais competitividade reforça as práticas empresariais que restringem a entrada, nas posições de maior status de membros de grupos subordinados, pois a pressão de consumidores e patrões pode favorecer a contratação de trabalhadores do grupo dominante (branco) (TELLES, 2003, p. 217).

Quando associamos gênero musical e raça, o resultado encontrado apresentou associação entre samba e rap (*Rhythm and Poetry*), para jovens negros, e pop rock e rock, para jovens brancos, com um nível de significância de $p = 0,027$. Nesse cenário, a desigualdade apresentada do ponto de vista do gosto musical é positiva e garante aos

²⁴ No período pós-escravidão à maioria dos fazendeiros se recusava em contratar ex-escravos Hanchard (1996).

jovens negros um processo de identificação, cujo papel é valorizar gêneros musicais que fortaleçam sua identidade tão perversamente estilhaçada. Silva (2005) compreende que esse processo de fortalecimento é fundamental, pois ajuda a constituir um discurso de enfrentamento à discriminação racial.

Este movimento permitiu uma redescoberta das raízes étnicas por parte dos jovens, não alcançada pelo samba. Como produto cultural de um período pós-ideologia da mestiçagem, o *rap* transformou em música o redescobrimento das raízes étnicas. O *rap* é a maior expressão deste movimento de fortalecimento da identidade racial dos negros. Esse movimento cultural surge a partir de um contexto de muita privação sofrida por jovens de periferia, em sua maioria, negra. Grupos como Racionais MC's e MV Bill descrevem, nas letras de suas músicas a necessidade de união dos negros como estratégia para combater o racismo. Para esses grupos, a etnicidade negra está baseada no compartilhamento de certas dificuldades enfrentadas na conquista de sua cidadania²⁵. A postura positiva e propositiva, na busca pelo fortalecimento da identidade racial, são o diferencial em relação a outros ritmos negros como o samba afirma Wivian Weller (2000).

A assimilação de elementos da cultura negra pelos grupos não negros da sociedade brasileira permitiu um certo afrouxamento dos limites culturais entre brancos e negros. Este fator tem sido decisivo para a construção de uma cultura musical democrática. Talvez seja por isto que Venturi e Bokany (2005) afirmem, que na esfera do lazer, a discriminação racial tem menor impacto. A pesquisa “Discriminação racial e preconceito de cor no Brasil”, produzida pela Fundação Perseu Abramo em 2003, evidenciou uma certa homogeneidade nas práticas de lazer declarada entre jovens negros e brancos²⁶.

Um outro importante aspecto da cultura do lazer dos jovens do bairro está associado ao culto religioso²⁷. Infelizmente as religiões afro-brasileiras não atuam de forma a fortalecer a identidade deste grupo. Apenas 1,72% dos jovens negros freqüentam os cultos de matriz africana.

²⁵ Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) sugerem que esta é uma das formas de constituir o sentimento de “nós”. Ela é constituída num jogo de interesses em busca da distinção em relação ao outro Denys (1996).

²⁶ Fonte Ana Lucia Silva Souza (2005).

²⁷ Para melhor esclarecimento desse tema ver Santos (2005).

CONCLUSÃO

O maior impacto da diferença racial entre negros e brancos no campo do lazer se dá no próprio local de moradia. Como a pobreza não se distribui equilibradamente entre os grupos étnicos, os negros acabam sendo os mais desfavorecidos com a baixa qualidade dos serviços de lazer dos bairros periféricos.

Parte da desigualdade encontrada, principalmente aquela que se traduz na cultura musical é, antes de tudo, positiva e necessária à medida que ajuda a fortalecer a identidade dos jovens negros, tão perversamente deteriorada. Edward Telles (2003) sugere pensar que o fortalecimento da cultura negra tem um papel decisivo na auto-estima de jovens negros. Nesse caso, as diferenças são positivas e desejáveis. Não há como desconsiderar também que este debate sofre com a própria dificuldade de constituição dos grupos étnicos em função dos diferentes projetos que compõem a realidade do ser jovem, pois, como sugere Stuart Hall (1999, p.13): “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” Sendo a identidade pluridimensional, flutuante e sincrética, como sugere Denys (1996), a própria idéia de demarcação da identidade negra é mais um objeto de uma investigação empírica do que intelectual.

Felizmente, o debate racial assumiu uma posição de destaque na agenda política brasileira. Cabe a nós, intelectuais negros, principalmente, utilizarmos nossa ferramenta acadêmica a serviço de um projeto que garanta uma maior inclusão dos negros na sociedade. Como pudemos perceber, o lazer de jovens pobres se dá no âmbito do espaço público, e nestes locais a desigualdade racial não foi captada pelo instrumento de pesquisa utilizado. Esta incapacidade não deve sugerir, como fazem os paladinos republicanos, que vivemos em uma democracia racial.

Thinking leisure from an ethnic perspective

Abstract: Important studies have brought to the national literature a set of data and reflections that exposes racial inequality in Brazil in a quite clear way. It is fundamental to understand the mechanisms whereby symbolic and material violence resulting from racism is processed in order to find out ways that overcome this reality towards a fairer society. In this sense, the aim of this study was to get to know the impact of racial inequality in the daily leisure activities of the young people investigated, having as a starting point the *Map of Juvenile Leisure* of the Guajuviras neighborhood, in Canoas-RS. As we could perceive, the leisure of poor youths happens, primarily, in the public space and in these places racial inequality was not captured by the research instrument that was used. In the cultural domain, the difference that was found, regarding musical taste, allows to identify it as a positive aspect. For the youths that have their self-esteem devastated by prejudice, it is positive and necessary to turn music into an instrument that strengthens identity.

Key words: youth, identity, ethnicity, racial inequality, leisure.

REFERENCIAS

ATHAYDE, C. *et al.* **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ARAÚJO, J. Z. A estética do racismo. In.: RAMOS, S. (Org.) **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 64-71.

BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, a. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. Rio de Janeiro. **Movimento**, n.1, maio, p.11-27, 2000.

CASTRO, M. G. Políticas públicas pós-identidade e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In.: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Orgs.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2004. p. 275-303.

COSTA, S. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. São Paulo, **Tempo Social**, v. 13, n. 1, p. 143-158, 2001.

DENYS, C. **La notion de culture dans lês sciences sociales**. Paris: Edition La Découverte, 1996.

FREYRE, G. **Casa Grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HANCHARD, M. Cinderela negra?: raça e esfera pública no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, a. 30, p. 41-59, 1996.

Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006.

HENRIQUES, R. **Desigualdade Racial no Brasil**: evolução das condições de vida na década de 90. Texto para discussão nº 807. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Ministério do Planejamento, 2001.

KLIKSBERG, B. **América Latina**: uma região de risco – pobreza, desigualdade e institucionalidade social. Tradução Norma Guimarães Azeredo. Brasília: UNESCO, 2002.

KING, J. E. A. passagem media revisitada: a educação para a liberdade humana e a crítica epistemológica feita pelos estudos negros. In.: SILVA, L. H. et el (Orgs.) **Reestruturação curricular**: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996, p.75-101.

LEITÃO, M. A imprensa e o racismo. In.: RAMOS, S. (Org.) **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 42-50.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

PEREIRA, A. M. Um raio em céu azul. Reflexões sobre a política de cotas e a identidade nacional brasileira. **Estudos Afro-Asiáticos**, a . 25, n.3, p. 463-782, 2003.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FRENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. Tradução de Modesta Carone. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

SANTOS, E. S. Juventude e religião: cenários no âmbito do lazer. **Revista Estudos de Religião**, São Paulo, p. 161-177, 2005.

SANTOS, G. ; SANTOS, M. J. P. E BORGES, R. A juventude negra. In.: SANTOS, G. e SILVA, M. P. (Orgs.) **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2005.

SILVA, M. P. da. Identidade racial brasileira. In.: SANTOS, G. e SILVA, M. P. (Orgs.) **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2005.

SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In.: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Orgs.) **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2004. p. 130-159.

SOARES, S. S. D. **O perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho** – homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Texto para discussão nº 769. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Ministério do Planejamento, 2000.

SOUZA, A. L. S. Os sentidos da prática do lazer da juventude negra. In.: SANTOS, G. e SILVA, M. P. (Orgs.) **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 2005.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VENTURI, G. e BOKANY, V. Pesquisando discriminação institucional e identidade racial. In.: SANTOS, G. e SILVA, M. P. de (Orgs.) **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 2005.

WELLER, W. A construção de identidades através do HipHop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim. **Cadernos do CRH**, Salvador, n. 32, p. 213-232, 2000.

Recebido em: 24/07/2006

Aprovado em: 18/09/2006

Contato:

Edmilson Santos

E-mail: profedsantos@yahoo.com.br